



Gaiato



Visado pela
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º 201
 Preço 1\$00

Regulamento do Património dos Pobres *De como nós fomos aos Açores*

Fazemos saber que tendo-Nos sido apresentados os Estatutos da "Obra das Casas para Pobres", depois de terem sido cuidadosamente examinados, havemos por bem aprová-los, esperando que esta Obra que agora nasce na freguesia de Paço de Sousa se espalhe por todo o país, para amparo e conforto dos necessitados que não têm lar.

Dada no Porto e Paço Episcopal da Torre da Marca, aos 3 de Outubro de 1951.

† D. Agostinho de Jesus e Sousa

Art.º 1.º—Na freguesia de Paço de Sousa, concelho de Penafiel, é criada a «Obra das Casas para pobres» que funcionará anexa à Fábrica da Igreja Paroquial, e é um instituto de assistência e beneficência de utilidade local, destinado a fornecer casas de habitação para os pobres necessitados da respectiva freguesia.

Art.º 2.º—Estas casas de habitação depois de construídas serão oferecidas gratuitamente por doação ou deixa dos oferentes à Fábrica da Igreja da respectiva freguesia, para o fim exclusivo de as ceder por intermédio da respectiva Comissão Administrativa aos pobres necessitados da freguesia para sua habitação, não podendo a Fábrica da Igreja cedê-las para qualquer outro fim, nem onerá-las com quaisquer encargos sejam de que natureza forem.

CAPÍTULO II

Da Comissão Administrativa

Art.º 3.º—A administração da Obra das Casas para os pobres será exercida por uma Comissão composta de três membros que serão, o Pároco da freguesia, que servirá de presidente, o Professor, que servirá de secretário, e pelo Presidente da Conferência de S. Vicente de Paula, que servirá de tesoureiro, constituindo assim a Obra um prolongamento desta Obra de caridade cristã.

§ I—Se na freguesia não houver Conferência de S. Vicente de Paula, servirá de tesoureiro, o Juiz da Confraria do Santíssimo Sacramento.

§ II—No caso de haver vários professores na freguesia será da competência do Bispo da diocese designar um deles.

§ III—Se não houver na freguesia nenhuma escola do sexo masculino, competirá igualmente ao Bispo, sob proposta do pároco da freguesia, nomear o 3.º membro da comissão.

Art.º 4.º—Compete à Comissão Administrativa:

1.º—Receber da Fábrica da Igreja em uso e administração os prédios ou casas que a esta forem dados ou deixados pelos benfeitores da Obra das Casas para Pobres.

2.º—Cedê-los a título precário e gratuito aos pobres necessitados e indigentes que não tenham habitação própria.

3.º—Proceder a quaisquer reparações necessárias e indispensáveis ao fim a que se destinam.

4.º—Ordenar a desocupação desses prédios, quando se torne indesejável ou inconveniente por motivos de ordem moral, social, ou de boa vizinhança, a sua ocupação pelos beneficiários.

5.º—Tomar todas as providências que ela julgue necessárias, especialmente em questões de

moral pública e higiene dos seus moradores.

Art.º 5.º—Todas as deliberações da Comissão serão tomadas à pluralidade de votos, competindo ao Presidente tomar qualquer deliberação, no caso de urgência.

CAPÍTULO III

Dos beneficiários

Art.º 6.º—Os prédios que forem entregues à Comissão Administrativa pela Fábrica da Igreja, serão por sua vez entregues a título gratuito e precário aos pobres necessitados e indigentes da freguesia, não podendo a Comissão cobrar a título de renda qualquer importância dos ocupantes, que assim se não consideram arrendatários.

Art.º 7.º—A escolha dos ocupantes e beneficiários dos prédios deverá ser feita dentro do espírito da mais rigorosa justiça cristã, devendo dar-se a preferência em primeiro lugar aos mais indigentes, e dentro destes aos de família mais numerosa, devendo uns e outros dar a maior garantia do seu procedimento moral irrepreensível.

Art.º 8.º—Os beneficiários contemplados ficam obrigados a conservar os prédios com o maior zelo e cuidado, assim como com todo o asseio, considerando-os como verdadeiro património dos pobres da freguesia, devendo participar sem demora à comissão administrativa quaisquer estragos que careçam de reparação, e que eles não possam efectuar.

Art.º 9.º—Esta ocupação a título precário e gratuito poderá cessar nos seguintes casos:

1.º—No caso de qualquer dos ocupantes vir a ter quaisquer recursos, que tornem dispensável o benefício

2.º—No caso do mau comportamento moral ou civil de qualquer dos ocupantes, ou no caso de criar mesmo má vizinhança aos outros beneficiários

3.º—No caso de deteriorações graves feitas de caso pensado no prédio, ou de recusa de as reparar sendo isso julgado possível pela Comissão Administrativa.

4.º—No caso de falecimento do chefe do agregado familiar ocupante.

§ único—No caso de o beneficiário ser casado, ou ter filhos menores, se estes ou o conjuge sobreviverem, poderá o benefício da habitação ser prolongado pela Comissão Administrativa.

Art.º 10.º—O mobiliário das casas será fornecido pelos beneficiários. Se, porém, algum lhes for fornecido pela Comissão Administrativa, serão os beneficiários obrigados a conservá-los em bom estado para utilidade dos seus sucessores, lembrando-se de que ele constitui com o prédio património dos pobres.

CAPÍTULO IV

Disposições gerais

Art.º 11.º—Esta Obra de Casas para pobres é iniciada na freguesia de Paço de Sousa, sendo porém pensamento do seu inspirador e fundador, que ela se propague e estenda a outras freguesias, onde uma comissão administrativa congenera queira derramar este benefício cristão sobre os pobres necessitados e indigentes da respectiva freguesia.

Art.º 12.º—Estes estatutos serão aprovados pelo Prelado da Diocese, e todas as dúvidas que

Nós, sou eu mais o Avelino. O *Ribeira Grande* dos Carregadores Açorianos, é um barco veloz, de linhas modernas e acomodações para um número limitado de passageiros. Foi nele que embarcámos no porto de Leixões. Alguns dos nossos rapazes e amigos estiveram ao botá fora, mas não esperaram até ao fim. Uns deles mostram desejos de o fazer, assenando adeus com os lenços, mas eu disse que não. Fazia-se tarde. Uns tinham de regressar a Paço de Sousa, outros, a suas obrigações no Porto. O *Zé sem mais nada*, rente em todos os sítios, também foi um dos que se retirou. De todos eles nos despedimos no cais e era já noite alta quando o navio desatraca e mergulha na escuridão. Ficou-nos atrás o farol da Boa Nova e as luzes infinitas que vão de Leixões à Foz. Tudo estava por nós, menos o mar; este era um nadinha contra. Os tripulantes diziam que não. Chamavam àquilo um tempo maravilhoso. E' que estão afeitos. Avelino suportou. Não foi assim *Zé Eduardo* entre Lisboa e Funchal. O meu companheiro de agora, nunca faltou à mesa. Na hora marcada, entramos no Funchal. Era pouco mais de meio dia quando começamos a ver a Ilha, que agora não descrevo, por terem sido muitas as tentativas e nunca ninguém o ter feito completamente. As Obras de Deus não se descrevem nem se discutem!

Eu levava comigo um lindo programa e dele tinha falado muito antes de embarcar. Era mesmo o assunto das conversas preparatórias da nossa viagem. Era isto: chegar à Madeira, a lugar um taxi, ir ao turismo perguntar qual o melhor passeio e bater por aí além. Nós ambos, e depois, ia procurar o meu velho amigo Correia Neves da casa Blandy e jantar mais ele em sua casa. Tudo isto tinha sido mirado e remirado em frequentes conversas. Pois não foi nada assim. O meu amigo Correia Neves e esposa, vieram a bordo ao encontro de uma família, deram comigo e está tudo dito. Ele foi o cicerone. O carro dele foi o taxi. O jantar em casa dele foi de se lhe tirar o chapu e era meia noite quando regressámos ao *Ribeira Grande*. Isto era um sábado; o barco estava marcado para sair no domingo às nove e assim foi. Antes da partida viemos à Sé celebrar. A missa das sete tinha começado. Nas três naves não havia mais lugar. O celebran-

te levantaram na execução deles, bem como as modificações que a prática vier a aconselhar serão resolvidas pela Comissão Administrativa, e em seguida sancionadas pelo Ex.º Prelado. Paço de Sousa, 9 de Agosto de 1951

te vai ao púlpito e lê o Evangelho a uma multidão atenta. Quando começou a fazer o comentário subia eu a um altar na sacristia. Avelino ajudava. O nosso amigo Correia Neves e família assistiam. Demos ainda uma pequena volta na cidade. Tomámos juntos um delicioso pequeno almoço. Pouco depois das nove já o barco fazia as suas quinze milhas mar em fora. Por mais de duas horas costeamos a Ilha com mar de leite depois do que o vento vira, o mar atravessou, e foi o cabo dos trabalhos até ao porto do destino. Eu ia fartinho, e Avelino, até ali muito forte, também começa de se fartar. Noite alta quando chegámos a Ponta Delgada. Vinhamos com o céu enevado e na cidade chovia. Fomos recebidos e instalados na residência do Governador Civil. Chamam-lhe palácio e é na verdade um palácio. Ele reside habitualmente em casa própria, porém o palácio está de pé e pode receber com fausto grandes comitivas. Eu cuido que não há segundo; nas cidades que eu conheço os Governadores mandam para um hotel. Ali não. Foi outrora um convento, mas a primeira vista não se nota, tão perfeita é a sua adaptação. Da pessoa do Governador guardamos as mais gratas recordações.

Outros diriam dele um homem dinâmico, por ser este um qualificativo muito em moda, mas eu não. Eu não digo isso. Nem sempre são fecundos os chamados dinâmicos. Andar muito depressa não quer dizer fazer muito. Eu antes quero exaltar aqui o homem que governa o Districto, dizendo dele o que ouvi: há dias certos na semana em que ele recebe os humildes do seu povo!

(CONTINUA)

ATENÇÃO A GUIMARÃES

É no dia doze, no Teatro Jordão e à hora dos grandes espectáculos. Vai o Sejaquim mais-lo Orfeão. Vai o grupo do *foi na loja do mestre André*. O Pombinha vai tocar castanhetas. O antigo Xancaxé, hoje empregado no Porto com o nome de Pereira faz um discurso. O Abel também. Os chefes, esperam-se que também falem; os incendiários...! Passará o documentário da nossa aldeia e no fim, uma esmerada conferência do jornalista que toda a gente conhece. Os senhores venham. Fechem a porta da casa e venham todos; creados, gato, cão — tudo. Se eu não trouxer dinheiro para alargar com duas casas o *Património dos Pobres* não trago nada. Foi dito na Imprensa, por um Ministro, em festa de circunstância, que Guimarães é a cidade mais rica de Portugal.

Agora é que se vai ver...

TRIBUNA DE COIMBRA

O que nos vão dando:—B.lanço do mês de Outubro. Ei-lo: vinte mil e quinhentos de visitantes; e vinte num Hotel «por quem os perdeu». É uma maneira de tranquilizar a consciência em matéria de justiça. E o mesmo deixado no Lar; e um estudante dum Seminário que me deixou muito escondida na minha mão uma nota que me deram de uma festa. Nobreza de alma e grandeza de ideal!

É um saco de arroz e um cesto de pêssegos de não sei donde. Mas sei eu; da Serra da Estrela; calor em vez de neve! É vinte dum lapso numa transacção comercial. Assim ficamos todos socegado:

É visitantes com cento e sessenta; e deles com um quarteirão; e uma encomenda de Lia; e cinquenta para a casa; e metade para o mesmo fim; e uma doentinha com 75 a pedir orações; e cem acompanhados de esta pequena esmola é para a Colónia das crianças pobres de Coimbra. Somos irmãos em N. S. J. Cristo. Ora aqui é que está o laço de união: membros do mesmo Corpo, o Corpo Místico de Cristo.

É uma carta com duas de cinquenta e três de vinte a nossa Mãe Santíssima por uma grande graça. Já foram celebradas as missas que pedia. E visitantes de promessa a pé a caminho de Fátima deixaram setenta; e um fato de um Engenheiro agora colocado a pedir uma Avé Maria; e cinquenta a pedir o auxílio de Deus num exame. Já sei que correu tudo bem.

Olho bem...—Não sei se já notaste que o verão foi um pouco frio e que o inverno está à porta. Olha que o Pobre já se lembrou há muito tempo: *Veja se me arranja um cobertorzinho!... queria separar os meus filhos e só tenho um coberto e já velhinho...* Repara no Pobre, a quem tu chamas malcriado, a dar-te lições de honestidade: *queria separar os meus filhos. Ajuda-o na sua missão tão santa.*

O inverno é o terror dos pobres e também nosso, pois a vida deles é a nossa vida. Temo e tremo ao vê-lo aproximar-se e com a arca tão vazia... e talvez tu com as tuas a abarrotar de fartura... Não amontoues na terra, mas sim no céu. Vai dar volta e o que te não for preciso empresta a Deus, dando aos Pobres.

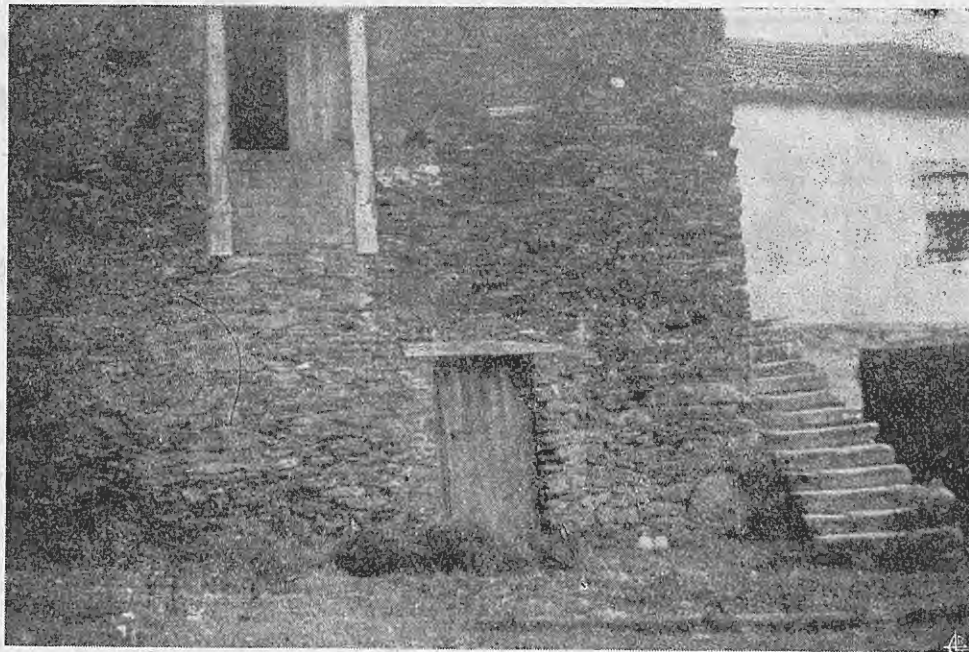
Se és boa dona de casa ou esperas sê-la, faz como muitas têm feito. Convida as tuas vizinhas e amigas e faz seroadas mais elas a fazer camisolas e roupas de lã. A que for mais generosa dá a lã e as outras o trabalho. Vê como essas horas hão-de ser rendosas. O tempo é dinheiro e quem o perde não mais o encontra.

O ano passado o Pai Américo em Miranda ao vê-los tiritar de frio, disse-me: *já que não lhes podemos cobrir as pernas, agasalhemos-lhes ao menos o peito; eu vou mandar-te algumas camisolas.* Ai, mas já onde elas vão!... Dá volta à tua roupa e tudo o que já não usares para os teus, manda para os nossos.

No teu exame de consciência à noite não te esqueças deste ponto: *que fiz eu pelos meus Irmãos Pobres?...* e se nada... bate no peito e emenda-te que ainda estás a tempo.

Eu tenho esperança.

Outra coisa...—Estava em Paço de Sousa quando chegou uma bicicleta com motor: *um pirotea.* Era uma



Nota da Quinzena

As encomendas de trabalho para a nossa tipografia têm aumentado ultimamente por maneira quase incrível. O correio do Júlio é quase tanto como o meu. A maneira como os novos fregueses se apresentam a dar trabalho, também é quase incrível; e é com certeza fora e acima das normas adoptadas. Muitos há que fazem a remessa do dinheiro, ordenando ao mesmo tempo que dentro daquela quantia se execute! Fregueses tem havido que fazem encomendas de vulto. Deviam eles, naturalmente, bater a outras, antes de chegar à nossa porta. Mas não *Execute*. Nunca tal se viu na gíria comercial. *Execute*. E a gente executa. Júlio já me pediu para aumentar o número de máquinas e eu disse que sim.

Ora eu tenho que, para isto, muito deve ter influido a carta ao Ministro das Finanças a pedir que declare automaticamente nulos, todos os bens de mão morta deixados em testamentos à Casa do Gaiato. Cuido que sim porquanto, em muitas cartas com encomendas, lê-se *queremos enfileirar na procissão do trabalho*. De sorte que, já não sou eu a fazer procissões. São os leitores. São 50.000 homens de Portugal que vêm fazer nestas colunas a procissão do trabalho. Ora digam-me os senhores se nós somos ou não uma obra incendiária. Se nós acreditamos ou não nos bens mortos de mãos mortas. Se nós queremos ou não viver e comunicar aos outros a vida.

família modesta que a comprou para seu uso e na altura leu o gaiato e veio pessoalmente cá trazê-la.

Fiquei com uma invejinha aos do escritório de Paço de Sousa. Lembrei-me de Miranda e dos três meses de Colónias e nas Casas dos Pobres e de muitas voltas que tenho de dar ou a pé ou de simples bicicleta e sempre a correr para não perder tempo. Foi só por isso e mais nada que invejei. Fazia-nos também tanto arranjinho uma destas em Miranda...

Vamos a ver se pega!...

PADRE HORÁCIO

BERÇO DA OBRA

Outro aspecto. A casa fica situada na freguesia de S. Pedro d'Alva, concelho de Penacova. Dr. Joaquim Anachoreta, ao tempo estudante e hoje professor da Universidade ajudou-me a conduzir o primeiro grupo de colonos. *Eu não tinha apoio. Era uma coisa estranha. Nós fomos os pioneiros de colónias de montanha para crianças pobres e doentes. Por isso, fugia-se da ideia. Mas depois, não. Hoje é caso vulgar.*



No próprio dia em que embarquei para os Açores, horas antes, fui dar uma volta, como quem se despede de íntimos amigos. Na verdade, o Pobre é um amigo. É um valor alto. É o último reduto do Poder de Deus. É o derradeiro argumento. Quando tudo falha, ergue-se o Indigente no nosso caminho para que lhe façamos bem e nesse bem, colhamos a amizade de Deus.

A primeira notícia que me deram no giro d'aquela hora, foi do canceroso. É boa. Eu conta-se no Instituto de Oncologia. Assim mo disseram os seus vizinhos, que em casa não estava ninguém. Era à noitinha. Havia nas ruas pouco movimento. Dali tomei por outros Bêcos. Topei em plena rua, e nos degraus de uma porta, alguém conhecido, que suspirava dores; *é do peito*. Perguntado porque que não ia para sua casa o doente responde que não; *nao me acho bem. Não posso lá estar. Que casa! Ele tem razão. Eu conheço a casa.* Agora é um labirinto de 4 andares. Entra-se e sobe-se por degraus de pedra, altos e ingrimes, até ao fim. Ladram cães. Cacarejam galinhas. Passam gatos. Muitas crianças. Começo de cima para baixo. *Entre ai dentro, olhe que é bem empregado.* Parece que não devia ser assim, no meio daquela gente. *Gente malcreada.* E é! Contudo, eles tomam como a si a esmola que damos aos outros. Nunca até o dia de hoje, escutei naquelas paragens uma palavra de censura—nunca.

As horas iam-se passando. Eu não desejava deixar sem visita todos aqueles que costume visitar.

Quem embarca, prepara-se em terra, diz o povo. Quiz-me preparar. Por isso andava mais ligeiro. Na penumbra, aparece este e aquele. Uns dizem outros não dizem nada. Todos precisam. Trazem no rosto o certificado. A gente con-

Do que nós necessitamos

Mais do Porto 100\$. Mais 20\$ deles para deitar na Caixa das Alminhas. Mais 50\$ do Porto. Mais 100\$ de uma alma arrependida. Mais um cabás de fruta entregue no Lar do Porto. Mais 250\$ de Vila Nova de Famalicão. Mais 20\$00 de Matózinhos de um rapaz que vai para militar. Mais de Lisboa 60\$ de Maria e José comemorando 7.º 8.º e 9.º meses de casados. E quando, em vez de meses forem anos, que sejam sempre noivos! Mais de Inhambane 400\$. Mais 900\$ deles de Vila Nova de Famalicão. Mais 98\$ do Orfeão do Bairro do Ameal. Mais 20\$ de uma mãe atribulada. Mais 200\$ do Porto. Mais 50\$ de Xai-Xai, da Maria, para os doentes do Barredo. Mais 20\$ para a do cancro na boca. Mais 50\$. Mais 100\$ para o Barredo. Mais 20\$ do Porto. Mais esta carta:

«Se não tiver tempo para ler, retire o pequenino óbulozinho que segue junto e a carta deite-a no cesto dos papeis inúteis.

Sou um sacerdote pobre saí este ano do Seminário, onde estudei por caridade. Sou coadjutor e quis que os meus primeiros honorários, recebidos como coadjutor, fossem distribuídos pelos pobres. Para isso eu escolhi, para beneficiarem desta pequenina esmola a minha família, que também é pobre e a «Casa do Gaiato» donde eu tenho recebido tantas consolações espirituais. Até horas de estudo o «Gaiato» me levou, ia a dizer roubou, mas não digo, nem só naquilo que chama «livro» se estuda e se aprende. Obrigado por aquilo que me tem dado!»

O óbulozinho é de 250\$00.

Mais de Quelimane 500\$ Como toda a gente sabe, esta terra é África Portuguesa. Do mesmo lugar mais 50\$. Mais 20\$ para o Barredo. Mais 100\$ deles de Oeste. Mais de Coimbra 150\$. Mais 40\$. Mais 100\$ de S. João da Madeira. Mais metade de Porto Novo. Mais 150\$. Mais 100\$ de Lisboa. Mais entregues no Lar do Porto 100\$ e uma data de medicamentos valiosos, que não salvaram a quem morreu; a hora era de Deus! Mais 50\$. Mais idem. Mais 180\$. Mais 500\$. Mais 100\$ referentes à segunda prestação para a vaca. Mais 100\$ da Maria Fernanda. Mais uma caixa de medicamentos de quem deseja saber se eles chegaram ou não; chegaram sim senhor. Mais de António Enes 5 kl. de açúcar e 5 kl. de arroz. Mais pacotes e roupa de Lisboa e da Covilhã e de Aveiro e de Castelo Branco e de Loriga e de Coimbra e de Tabuaço e de Lourenço Marques. Mais um carregamento de encomendas de toda a casta, trazidas do Depósito; e muitas remessas de dinheiros.

funde-se, ouvindo palavras tão altas, por coisas tão pequenas!

Confunde-se e ajuda. Com quantias pequeninas, ajudamos o Pobre a resolver os seus grandes problemas. Damos-lhe a mão. Ajudar é o verbo cristão. É, mesmo, ajudando, que nós outros somos ajudados.

Dali tomei o caminho da agência. Um mar de homens e mulheres marcavam suas passagens para o port do Brasil num paquete que saía à mesma hora do nosso. Avelino puxou pela carteira e entregou dois deles e largamos para o mar.

UMA CARTA

"A nossa confeiência não pode dispor duma verba tão grande. Eu, vergada pelas lágrimas da Mãe que tanto se lamenta por não poder dar este remédio à sua querida filha, venho pedir que acuda a este caso.

Que Deus o auxilie em tudo são os desejos bem sinceros da que se subscreeve com a maior das considerações.

Trata-se de estreptomocina, de que os jornais andam actualmente cheios, por dolorosas razões...! Como esta, quantas e quantas e quantas! Eu aproveitei uma ida ao Porto e fui ver pessoalmente do que e de quem se trata. O que eu vi! O que eu ouvi, meu Deus!

Gostaria de levar comigo, quando ali tornar, um dos negociantes de estreptomocina para ele ver os estragos e ouvir da boca dos inocentes a sua própria condenação,—gostaria!

VENDA DO JORNAL

Desde que o Carlos Gonçalves tomou a peito esta secção das nossas actividades, a coisa tem corrido muito bem. Ele marcou zonas. Cada vendedor tem a sua. Ele vem aqui na véspera da quinzena. Conta e entrega cada lote a seu rapaz. Faz recomendações. Avisa. Ameaça... No dia seguinte, que é sábado, Carlos Gonçalves enfia dez vendedores no Morris, toma o volante e larga. Chegado que é ao Porto, mais avisos e novas ameaças... Resultado: a venda subiu.

O Presidente não é certo; é de temporadas. Umaz vezes entusiasma-se e vende. Outras afrouxa. Outras,—nada! Com a interferência do Carlos, Presidente tem-se conservado em boa marcha, mas o pior são as queixas. As queixas dos seus companheiros. Ontem foi o dia em que eu ouvi muita coisa, dos seus companheiros, na hora do regresso da venda. Areosa era quem mais se atirava, mas todos tinham muito que dizer. São as zonas. Presidente exorbita e mete a foice no que não é dele. Ele roubou-me dois cafazes. Era o Areosa. Areosa espumava. Presidente, mais calmo, quer que Areosa retire a palavra roubar. A seguir, impõe silêncio e explica. Define. Não se pode dizer roubar, aonde existe o interesse de uma só causa. E disse e disse e disse. Presidente dominou. Os acusadores estavam todos caladinhos. Nisto levanta a voz e pede que vá eu ao Porto desfazer a má impressão que tem dele, Presidente, o Carlos Gonçalves. Não fui de propósito, mas como tinha de ir ali, puz na agenda a petição do Presidente. Carlos confirma a poei a que ele levanta e foi mais longe. Carlos disse mais. Conta ele que, tendo dado ao Presidente uma cama enxuta, foi-se a ver e ela não estava assim de manhã... Abel confirmou. Abel foi mesmo o descobridor e agora aqui é que o Presidente levanta poeira... Que não e que não e que não. Disse que talvez tivesse sido o Machado, com o fundamento de que, aqui em Paço de Sousa, ele era vezeiro... Ora isto é ofensa, porquanto Machado, é hoje funcionário de uma das grandes casas de S.^{ta} Catarina. De modo que vamos a ver. Não sei, nesta hora, o que fará o Carlos Gonçalves...

ISTO É A CASA DO GAIATO

deira aonde estava sentado e declara que feitas bem as contas, ele deve ser o primeiro, porque era ele quem seringava o Piolho para [por a bicicleta nas crónicas.

Se já tinha pressa de me ir embora, depois disto muito mais. O que me estará reservado à minha chegada a Paço de Sousa?! Só tenho pena duma coisa; é do Piolho. Tenho muita pena de quem semeia e não colhe. Piolho, foi transferido para o Lar de S. João da Madeira.

Como ele há-de ter rabiado ao saber da bicicleta!

* * * Ontem de passagem pelo Lar do Porto, António Prata estreita-me e declara que me quer pedir uma coisa. Eu oiço e fico à espera. O rapaz prossegue com mais fervor e na mesma posição; nunca lhe pedi com tanto interesse. Eu estava calado. Um rapaz de vinte anos precisa naturalmente de muita coisa. As necessidades do homem começam aqui. Despachate disse eu; e o António Prata mete a mão no coração e tira de lá um caso. É um pequenino de oito anos vítima de maus tratos, que dorme nos beirais. O relator não escreveu, não apontou. Diz de cor. Traz tudo no coração. E eu disse-lhe que sim. Desmandos e desvios; na economia Divina, tudo se perdoa quando os filhos assim amam!

Este rapaz foi passar as suas últimas férias à Covilhã e de lá escreveu-me. É um postal de vinte e cinco

DOCTRINA

Eu peço desculpa do título, tanto mais que já tenho sido admoestado por escrito, da minha grande presunção. Mas eu continuo. São coisas pequeninas. É doutrina caseira, que anda pelo chão, sem se fazer caso nem dar fé. Se eu ergo estas coisas inocentes e as ponho sobre o alqueire, porque é que se incomodam tanto com a sua luz? Ora vamos lá.

Foi o Carlos. O Carlos Gonçalves. O chefe do Lar do Porto. Quando eu entrei, estava ele dizendo aos seus rapazes que teria de abrir as cartas deles e que lhe não levassem a mal porque o fazia como irmão. Nós temos de nos defender das nossas mães, disse. Quando eu era mais pequeno, continua, a minha mãe mandava-me cartas a dar maus conselhos e se eu não tivesse quem mas abrisse, te los-ia seguido e não estava hoje aqui para vos ensinar. E à roda desta matéria, o Carlos Gonçalves tirou e expôs ensinamentos profundos que cada um dos seus rapazes mastigou. Isto deu-se a semana passada no Lar do Porto.

Numa cidade daquelas, aonde existem escolas de ensino superior, não houve nunca nem hoje há mestre que ensine com tanto proveito. Porquê? Por causa da experiência. O saber é feito da experiência nossa e da dos outros. O Carlos foi experimentado pela sua pobre mãe. Livrou-se do perigo. Hoje comunica esta experiência aos seus irmãos. Eis aqui o fruto natural duma obra de rapazes para rapazes pelos rapazes. Viesses um preceptor. Viesses o senhor director. Viesses o excellentissimo senhor inspector. Nada. Não faziam nada. Quando muito entimidavam. Vem o irmão mais velho falar aos seus irmãos mais novos, e tem deles tudo quanto quer. Eis aqui.

de Julho. É um pastor a guardar o rebanho. São quarenta e duas ovelhas e ele, manta ás costas e cajado na mão. Ora eu rasgo tudo e este postal não fui capaz! Tenho-o aqui na minha gaveta. Antonio Prata era um farrapo de andar por lá, sem qualidades nem predicados aparentes e com tudo, ele, já então, trazia no seu peito este segredo divino; nunca lhe pedi coisa com tanto interesse. Como este quantos?!

*** Os senhores querem saber uma? Como um dos nossos chefes desconhecesse as casas de Coimbra e Lisboa e pedisse uma visita, decidiu-se a viagem no Morris, que hoje é guiado por um rapaz; deu-se carta ao Carlos e ao Armando. Eramos quatro. Coimbra, Miranda, Tomar, Nazaré, Caldas, Cintra, Lisboa. Carlos levava a carteira. Nas terras por onde passamos, se de dia, comíamos; se de noite, ficávamos. Ninguém nos aceitou dinheiro e ainda por cima nos davam, de sorte que ao chegarmos a Lisboa, Carlos, o caixa do grupo, rapa da carteira e informa: ainda não fui o sítio. Fez todas as despesas, gasolina e tudo, sem tocar na carteira!

Nenhum de nós levava sinal. O Morris é um igual aos outros. A ninguém diziamos quem e para onde. Como se deu a denúncia? É o coração. O tesoiro escondido no interior de cada mortal. Podiam ter-se escandalizado:—os melhores hotéis; um automovel às ordens; gravata e sapatos. E quem! E para quê...! Sim. Puderam ter-se escandalizado. Mas isso não seria o coração nem a inteligência. Não era o universal. Era o egoísmo.

* * * Bernardino trazia uma mala com alguns discos, resposta ao apelo feito aqui pelo Piolho. Mas todos vinham indignados, porquanto, a mala que lhe tinha sido entregue por um senhor a transbordar, encontrava-se quase vazia. Foi o Carlos. O chefe do Lar do Porto. Como ali há, também, uma grafonola, o Carlos comete um abuso tirando para casa os que quis e quantos quis. Os vendedores faziam lume. Que os discos são para nós. Que o Carlos não tinha nada que mexer. E mais e mais e mais.

Apenas eu vá ao Lar do Porto hei-de chamar o chefe e dizer-lhe mais.

* * * O Malhado conta que ao sair duma Igreja, ele se colocara a vender como de costume. Que se dirigira a um grupo de senhoras e estas o repeliram. Que ao pé estava uma velhinha e que lhe dissera anda cá meu filho que eu compro te o jornal. Essas senhoras precisam do dinheiro todo prá tinta da cara. E aqui diz o Malhado que ela tirou 1\$00 duma saquinha e comprou o jornal.

* * * O mês de Setembro foi de muitos visitantes. Todos os dias haviam deles e deles e deles. Tudo no seu lugar. Todos entusiasmados comedidos e muito generosos. Mas houve um dia que destuou. Eram bicicletas, eram rapazes, e era uma outra coisa parecida com eles e foi-se a ver e eram elas! Alguns dos nossos levantaram a voz e vieram ter comigo: Olhe prá-quilo. Eu já tinha visto e estava pensando na forma mais delicada de despedir as indesejáveis quando o chefe se propõe para lhes dar o recado. Mas não foi preciso. Antes que o Júlio chegasse ao pé, seguiram avenida abaixo e foi se embora aquele grupo. Espera-se que nunca mais cá volte. Ninguém suje o que nós estamos procurando limpar.

*** O Vizeu fez exame o ano passado, ficou distinto e seguiu para o Lar do Porto, colocar-se. Mas pouco tempo ali esteve. Regressou e acamou no hospital. Meses e meses e meses. O doutor informa que só ares do mar. A menos que o não fizessemos, ele poderia ficar aleijado por toda a vida. Palavras não eram ditas e eu já andava pela Foz e Matozinhos e Leça. Arranjei aqui. A dona pedia mil, eu ofereci 600\$ e fiquei com a casa. Tomamos conta no mês de Agosto e como o rapaz melhorasse a olhos vistos, entramos em Setembro. Com o Vizeu, e para cohonestar, seguiram mais 6 deles, que se revezaram em Setembro, tendo havido nos dois meses uma comunidade de sete rapazes, mai-la senhora. Eram eles e não era mais ninguém. Cozinhar, limpezas, roupas, toda a sorte de recados e mandados. Avental e descalços, a toda a hora eram vistos na mercearia, no padeiro, no açougue. Na praia, também eram eles. Vizeu ia de manhã e só regressava à noite. Um dos companheiros levava-lhe a comida e comia com ele.

E para que nada faltasse a este delicioso quadro familiar, havia um gato. Eles acharam-no, pequenino e abandonado, a caminho do banho. Trouxeram-no para casa. Dias depois era outro. Veio o guiso. Veio a fita. Veio a bola. Com o andar do tempo, cresce o gato e cresce a devoção. Os rapazes disputam-no. Ele vai na comitiva e regressa à noitinha. Vizeu reparte do seu jantar e ambos brincam na praia.

Hoje é gato histórico da aldeia de Paço de Sousa.

O nosso sistema familiar é tão exato, que havia pobres à porta a pedirem ao rapaz para dizer à mãezinha que estava ali um pobre. Tomavam-no por filho. Vá dizer à mãe. E no dia em que os relógios adiantaram, como a senhora não soubesse da mudança e ralhasse com a leiteira por vir tarde, esta diz a razão e pergunta: então o seu marido não lhe disse?! Eis aqui a profundidade de um sistema de educação com base na família. Não engana ninguém. Supõe naturalmente as pessoas no seu lugar: Mãe. Marido. Filhos. Lógica da verdade. Se a senhora não era mãe, nem os rapazes filhos, tão pouco existia o marido, isso é outro caso. O que aqui se pretende demonstrar é a perfeição de um sistema de conduzir Enjeitados.

*** Estava eu mai-lo Avelino na nossa residência de Ponta Delgada, quando o Tavares nos entrega duas cartas de Lisboa sobre uma bandeja de prata e com uma leve inclinação. Tomei-as. Era uma para cada um, mas ambas tratavam do mesmo assunto. Ambas escaldavam. Júlio I e Júlio II ferviam. Era uma bicicleta. Uma bicicleta a motor. A bicicleta que o Piolho andava a pedir há muitas semanas no Famoso. Avelino abre a sua e eu abro a minha. Júlio I comunica-me o facto e que foi uma família numerosa de Castelões, Campo de Besteiros e que tem tido muito trabalho porque o Tobias, que é agora o meu chauffeur, anda a ver se a acaça para examinar por dentro o motor. E que o Sérgio também quer experimentar-la. E que ele, Júlio, a tem debaixo do olho, a sete chaves, até eu regressar. Isto é a minha carta. A do Júlio II, dirigida ao Avelino, fala do acontecimento e pede a este a antiga bicicleta do seu uso: olha que tu vê lá. Olha que eu sou o primeiro a pedir-te. E aqui diz o nome duma grande malta que espera o regresso do Avelino para lhe fazer idêntico pedido. Por outro lado e como o Júlio me dissesse que ia estrear o veículo, em serviço da Tipografia, Avelino, ao saber isto, ficou todo aferroado e disse que não havia direito. Que Júlio não deve fazer tal. Nisto, Avelino, o pacífico, levanta-se da ca-

LAR DO PORTO NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA. Ando triste como a noite. Tal realidade de factos me motivam assim andar. São os nossos pobres e suas necessidades.

Ontem, sábado, chegado da ocupação profissional, eis que vem ter comigo um dos nossos pobres. Pediu-me para ir a sua casa e eu fui. O doente estendido na cama, passa-me para a mão uma receita e pede-me que leia. Precitava de dinheiro para comprar aqueles medicamentos que lhe estavam a fazer falta. Eu disse que sim, mas não o podia fazer sem autorização superior, mas não podia dizer que não. Era preciso. Era urgente. Porta fora, receita no bolso. Ao outro dia, estando em casa, chamam-me. Fui atender. Era a minha pobre, do Barredo. Quis saber o que se passava. Lágrimas nos olhos, põe-se a contar: A Senhora quer que lhe pague a renda e eu não tenho dinheiro. Eu nem para comer ganho. Ando morta de fome.

Eu estava boa para ir para um asilo. Não ando aqui a fazer nada e ao menos lá tinha que comer. Se o senhor quisesse metia-me lá. Era só o senhor querer. Uma cartinha assinada pelo Senhor Padre Américo, e já está! Eu estava silencioso, mas acordei. E já está! Mas isso é assim tão fácil mulher? Exclamei! É só o senhor querer. Lá se foi, rua abaixo, estômago vazio, mas a renda tinha que se pagar.

Mas não ficamos por aqui. O chefe manda-me chamar e diz-me: Temos que diminuir as cotas aos nossos pobres pois só temos dinheiro para um mês. Temos que dar metade. Fiquei apavorado diante disto tudo. Que fazer? Cruzar os braços? Não! Temos que apelar para todas as nossas forças de jovens e pedir-mos a todos que nos ajudem. Mas o que fica exposto não é tudo!

Terça-Feira, manhã cedo, a pobre, do Francisco vem ter connosco. A chorar, contou-nos: O meu neto não trabalha e eu estou velha e também não posso. A renda de casa está em atraso e o senhorio mandou-me chamar para que eu a pague, senão vou para a rua. Pedia a caridade que me pagassem, nem que deixe de receber a esmola por algum tempo. Mas isto é constantemente. Os confrades trazem destas notícias todas as vezes que visitam o pobre. Ele é rendas de casa, receitas médicas, roupa no prego, é tudo. Eu não sei o que seria dos nossos pobres se nós lhes faltássemos. Eu não sei. Mas de tudo isto se compõe a miséria dos pobres. Ai se muitos de vós caros leitores, fôsem como nós já temos ido, juntamente com o nosso Pai Américo, visitar esse Barredo! As feridas que não trarieis no vosso coração. As lágrimas que vós não deixaríeis correr traiçoeiramente pela cara abaixo.

Já assim tem acontecido aqueles que lá querem ir. Mas nós temos que agir de qualquer maneira. Aos nossos pobres não poderá ser cortada a sua esmola pois eles precisam dela e de muito

Noticias da Conferência da nossa Aldeia

Outra vez em déficit! E nesta época! Meu Deus, Vós que sois a Omnipotência, batei nos corações dos leitores afim de que venham em nosso auxílio.

Meus senhores. É indispensável minorar a miséria dos Pobres da Aldeia. Sobretudo os velhos—Relíquias da Nação, porque trabalhadores dela.

Enquanto as suas forças físicas permitirem ainda de enxada em punho cultivam o pão que com facilidade tragamos.

Mas vem o outono da vida. A sombra negra destes valores incompreendidos da Nação e depois de tantas energias dispendidas, de tanto pão ganho com o verdadeiro suor do rosto, lançam-se à caçada de pública, ou seja à bondade do povo.

Mas, enfim, não são estes desabafos dum vicentino inconformista que farão justiça aos que dela esperam. Não. É uma lembrança e nada mais. Não temos força.

Entretanto para as necessidades principais—as indispensáveis—contamos, leitores, na vossa ajuda. E para os que não sabem a direcção da nossa Conferência informa-se:

CASA DO GAIATO—PAÇO DE SOUSA

J. M.

PELAS CASAS DO GAIATO

mais. Mas para tal, precisamos da VOSA AJUDA. Sem ela, nada podemos fazer.

Ao lembrar-nos que o nosso maior tormento reside nas rendas de casa e na maneira espinhosa como os nossos pobres estão instalados, quantas vezes levamos o nosso olhar longe, e lembramos-nos das casas para os pobres que estão em Paço de Sousa. Como essas casas nos resolveriam os problemas mais angustiantes da vida da nossa conferência.

Nós temos que andar. Nós temos que agir, pois de braços cruzados não podemos ficar.

Havemos sim, de enfrentar tempestades, colher vendavais, mas a mocidade há-de triunfar. O sol quando nasce, é para todos.

E agora, antes de terminar, uma lembrança.

O Natal está à porta. O frio já apouqueta. Os nossos pobres já nos lembram de que precisam de um chale, roupa para a cama, etc.

Ai que faz tanto frio; houve-se da boca de alguns. Portanto não será preciso dizer mais. Todos me percebem.

Que os nossos leitores, amigos, e todos aqueles que estão sempre prontos na hora H, para esses, os nossos apêlos. Que nos ajudem nesta cruzada de bem fazer, porque Deus dará, cem por um, e o Reino dos Céus.

MIRANDA DO CORVO No dia 23 de Outubro foram festejados os anos do nosso Pai Américo em que quase todos assistiram à missa e comungaram. Nesse dia não tivemos feriado por ele cá não estar e ir a caminho dos Açores mas tivemos a comida melhorada. Tivemos pois um dia de alegria por Nosso Senhor lhe ter conservado mais um ano de vida e Deus queira que estes dias ainda se repitam por muitos anos de vida que é o que nós desejamos.

Está o inverno a chegar e alguns não têm sapatos nem roupa. Para aqui já o frio chegou e nós andamos a supurtá-lo à espera que apareça alguém com o coração aberto. Mas nós não podemos esperar mais e temos que lembrar os nossos leitores. Visto a necessidade que temos pedimos aos nossos queridos leitores que não se esqueçam do nosso pedido além disso também o natal está perto e não temos roupa para nos apresentarmos e por isso quem tiver algumas roupas mesmo velhas que sejam a favor de mandar que nós ficamos agradecidos.

CARLOS MANUEL TRINDADE

COIMBRA A nossa Conferência—Mais 40\$ de uma leitora que ama a nossa obra. Este donativo foi encontrado e não sei a quem pertence, envio para a vossa pobre tuberculosa e acho que fica bem entregue. São estas as palavras de que reza a carta. Mais 20\$ para os nossos queridos pobres. Esta missiva dizia «por alma dos entes que me são queridos, pedindo os recomendem nas vossas orações, e a conversão de meu marido e pessoas da minha família». Esta vem de Lisboa. É anónima. Todos os pedidos desta natureza estão satisfeitos nas nossas orações da noite. Nós nunca nos esquecemos daqueles que nos dão e daqueles que nos dão mais coragem.

Admitimos na nossa conferência mais uma pobre que vive num misero barracão. Uma pessoa que vá descuidada ao entrar naquela casa bate com a cabeça no teto. Só tem alguns utensílios de cozinha, uma cama e pouco mais. Tem 6 filhos e ela 7. São 6 bocas para alimentar para vestir e calçar. Falta-lhe um pulmão e é doente. A doença que ela tem é a doença do cancro. O médico diz que já nada se pode fazer. Estes casos estão a aparecer sempre. Parece que é Deus que nos manda estes para nos incutir coragem. Foi esta admitida e outra excluída. Esta foi excluída por uma simples razão. Davamos-lhe a senha e ela vendia-a às vizinhas e o que apurava era para o álcool. Fartamo-nos de a avisar e ela não teve emenda. É uma alma que perde mas nós não podemos sustentar pessoas desta categoria.

Começaram os estudos. Nós também temos rapazes a estudar. O Zé Eduardo e o Setubal andam no Colégio Pedro Nunes. Estudam à noite, o Carlos Alberto e o José Maria na Escola Industrial e Comercial de Coimbra, respectivamente no 4.º Industrial e 2.º Comercial. O Carlos e o Ratinho andam a tirar a instrução primária na escola da Associação dos artistas. Vamos a ver se chegamos ao fim do ano sem nenhuma desistência e o mesmo sem nenhuma raposa pelas costas. O que não há-de acontecer se Deus quiser.

JOSÉ MARIA FERNANDES

S. JOÃO DA MADEIRA Em substituição do J. Maria, venho eu dar hoje notícias aos nossos leitores.

A nossa conferência continua em ritmo pouco progressivo. So temos três pobres, o que não é nada atendendo à grande abundância deles. Nós vivemos simplesmente das quotas dos nossos subscritores que são em número reduzido. Não nos chegam dádivas nem promessas delas. Sim promessas porque ai daquele que não prometer qualquer coisa aos gaiatos! Caros leitores, não nos desprezem; mandem roupas comestíveis, utensílios usados, dinheiro, etc. Tudo nos serve. Até aqueles que nada têm podem mandar uma Ave-Maria a Nossa Senhora para que proteja a nossa conferência. Tudo aceitamos ainda que sejam *ralhadelas*.

No pretérito domingo fomos a Macieira de Sarnes visitar a Senhora D. Laura que tem sido incansável para nós. Quando recebemos fruta, boroa, feijão, etc., é tudo daquela senhora ou angariado por ela. Como ia dizendo, fomos lá e comemos uvas, maçãs, boroa, bebemos vinho doce, jogamos a bola e fizemos falar, tanto a Senhora D. Laura que nós até pensamos que ela se aborrecesse. Mas afinal não; já nos convidou para lá irmos outra vez. Agora é a Sr.ª D. Celeste da mesma terra chegada da Guiné que nos manda *coisas*.

Desculpem os outros leitores mas se não é Macieira de Sarnes, eu tenho de escrever no livro das contas: maçãs (ao domingo) 7\$50. Ah: mas já me esquecia que de Casaldelo também chegam cestos de fruta para as nossas merendas. Muito obrigado Senhora D. Arminda.

Agora vamos às tjalhas. Isto é um tal chegar de toalhas. Já temos mais de meio cento delas mas se alguns leitores estiverem a embalar de alguma não se arrependam porque algumas são muito fracas. Eu devia protestar porque quando fazemos algum pedido nem sempre somos atendidos mas quando o Pai Américo fala todos levantam o dedo. Eu digo isto porque o Pai Américo nem sempre quer falar no jornal sobre estes assuntos e nós temos de ir para a bicha até que chegue a vez de ele pedir para nós.

Peço desculpa destas queixas todas mas quando chega o fim do mês eu tenho de andar a ver quando é que o Pai Américo está bem disposto para lhe pedir dinheiro para as despesas do Lar. Imaginem os senhores leitores que quando recebo o cheque vindo de Paço de Sousa ele está assim escrito: papável a Carlos Inácio... três contos sómente. Até tem medo que eu lá escreva... e quinhentos!

Já temos cá mais um empregado dos C. T. e um estudante. O primeiro é o Constantino e o último o da *panela mais de meu*.

CARLOS INACIO

PAÇO DE SOUSA A primeira notícia a dar-vos amigos leitores, é a ida do nosso Pai Américo aos Açores.

Saiu cá da aldeia na terça feira, dia 16,—à noite, indo ficar ao Lar do Porto na companhia do Avelino seu companheiro de viagem.

A despedida foi uma demon tração do muito amor que lhe temos. Todos rodearam o Morris e se despediram de sejeando-lhe boa viagem e muita saúde. Que Deus o leve e o traga em bem, foram os votos de todos os seus filhos.

Num dos últimos sábados, tivemos cá uma grande alegria. Foi o caso da bicicleta a motor chegar. Foi um senhor de Besteiros que atendeu o nosso apelo. Mal chegou, prestou-se seguidamente uma grande recepção. Estavam rapazes de todas as nossas oficinas. Eles tipógrafos, carpinteiros, ferreiros, todos se fizeram representar. Um muito obrigado a esse senhor de Besteiros.

No domingo passado, veio cá a nossa aldeia uma excursão do «Bairro do Ameal». Nessa excursão vinha o orfeão do mesmo Bairro do Ameal, que nas escadas do refeitório, nos deliciou com algumas canções, que aplaudimos.

No dia 23, foi festejada cá na aldeia uma data memorável. Data essa em que o nosso Pai Américo fazia anos.

Esse dia foi festejado apesar de ele estar ausente. De manhã, foi celebrada a Santa Missa em acção de graças, sendo cantada pelos nossos rapazes. Seguidamente fomos ao café quentinho, que com o frio que estava, nos soube a mel. Depois fomos trabalhar. Ao meio dia almoço, onde não faltou o bom apetite. As duas tocou para o trabalho, terminando às 5 horas da tarde.

Agora

Vai à frente alguém de Luan-da, com fala de comovido; para o *Património dos Pobres, Deus o abençoe*—e um cheque de mil e quinhentos escudos. Não diz quem! Um nadinha ao lado vai alguém de Coimbra com 50\$—em nome da nossa Rainha Santa Isabel. Nas procissões diz bem uma santa. Um trabalhador de Guimarães, vai ao pé com 5\$. de selos. Ao lado um do Nordeste, Ilha Terceira, tira 70\$. ao seu modesto ordenado, para usar a sua informação. Tem graça e comove ouvir, como estes encontram migalhas na sua modesta algibeira! Mas ele há mais comoção; o mesmo nordestenho acrescenta—*lambem eu suspiro por construir uma casa, aonde possa abrigar a minha família*. Suspira e dá! Como o nosso Bom Deus transtorna! Que luzes! Que pensamentos! Segue um do Porto com 50\$. Não sei se é homem se mulher. Sei apenas que de vez em quando aparece uma carta com letra de quem não sabe letras. E' de Santa Eufemia. Hoje vai aqui com 500\$ e também outros 500\$ para as *casas de Pobres, do Tojal, Lisboa*.

Agora peço aos senhores que ponham colchas nas janelas e venham todos ver; é um senhor do Algarve que reside no Rio. Ele vai aqui com uma casa inteira e sua mobília. Ele informa que os catorze contos, são de economias que sua mulher tem feito para esta casa. Ele informa mais (e aqui quase que chora) ter muita pena de ver raras vezes no *Gaiato* notícias dos seus comprouvianos. Barcelos enfileira com 150\$. Vai a Maria da Conceição de Faro com 50\$. Ora ainda bem. Faro é no Algarve. Temos a seguir uma dobradiça de 20\$. Atrás, vão 3 telhas de Alhos Vedros a dez escudos cada. Um médico de Castelo Branco l. va 100\$. Alguém de algures A. M. C. P. deu 20\$. Vila Luso vem lá do cabo do mundo com pregos,—100\$. Também um de *Marmeleite*. Um do Porto com um vidro de 100\$. Quatro assinantes de Chaves combinaram e vão com 50\$ cada um. Também segue uma senhora do Porto com 100\$. Vai um sacerdote com 20\$. De Lisboa encorpora-se alguém com 500\$. Coimbra vai com 100\$. Moimenta da Beira 20\$ para uma telha. E esta? Ora vejam: a primeira renda das nossas casas, para o *Património dos Pobres*, 1.240\$. Isto e do Porto!

Faltam para a construção das cem casas 967.500\$00.

No campo da bola depois é que foram elas. O Snr. Padre Horácio era o grande animador. Fez-se um magusto cá à nossa moda. Castanhas assadas e uma pinga, oh que delícia! Tudo no meio do maior entusiasmo.

As 6,30 fomos para a capela rezar o terço com o SS^{mo} exposto, entrecalado com cânticos. Terminando esta cerimónia com Bênção dada pelo Snr. Padre Horácio.

E para terminar o dia fomos ao jantar, seguindo depois cada um para as suas casas. E assim foi passado o dia dos anos do nosso Pai Américo.

MANUEL PINTO